



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## PÔSTER

# O PERFIL DA MULHER PARAIBANA A PARTIR DOS RELATOS DE FEMINICÍDIO DO PORTAL G1 PARAÍBA

José Carlos Patrício de Araújo

Gustavo de Souza Silva

Alunos do Curso de Comunicação /UFCG.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Liège Freitas Ferreira

LABHIS/CNPq/Universidade Federal de Campina Grande

### Introdução

Os índices de violência doméstica na Paraíba evidenciam a falta de segurança que as mulheres estão expostas. Essa constante agressão é explicada pela construção social que sempre colocou a figura masculina como superior à feminina. O bordão “Paraíba masculina, mulher macho sim senhor” se tornou ao longo dos anos um símbolo da mulher forte, porém, sempre colocando a figura do “macho” como modelo a ser seguido pelas “fêmeas” que quisessem ser respeitadas.

Os Estados nordestinos, em geral, colocam a figura do homem como símbolo de força e resistência em plena caatinga, os contos, os cordéis, as cantigas e as histórias orais enaltecem a força do “cabra macho”. Esse discurso dominante representa a mulher como um produto derivado da imagem masculina, um ser que se esconde por trás do homem para proteção e sobrevivência. A cultura em que se encontra essa realidade é uma construção social e política de anos, a partir de fatores como a religião, a educação e a família, que colocaram a imagem da mulher como coadjuvante na história da Paraíba, assim como nos demais Estados da região Nordeste.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Para este trabalho, analisaremos os discursos do Portal G1 Paraíba sobre casos de mulheres paraibanas que sofreram violência doméstica e/ou feminicídio. Para isto, escolhemos publicações entre o mês de Janeiro e Outubro de 2019, a fim de buscar um resultados que se aproximem ao máximo da atualidade. Em seguida, traçaremos um perfil físico, cultural, financeiro e social desta mulher narrada pela mídia local.

Buscamos aporte teórico nos estudo sobre Análise do Discurso de Brandão (1997, Foucault (1979, 2008), Fiorin (1997) e os Aparelhos Ideológicos de Estado de Althusser (1983), para compreendermos o papel da mulher ao longo da história e sua trajetória de resistência e luta recorremos a obra atemporal de Simone de Beauvoir (1980), com intuito de aproximar o passado com a atualidade, não de forma contrastiva, mas de interação entre estudos consagrados com a realidade da mulher paraibana.

#### **Análise do Discurso**

Michael Foucault (1996, p. 15) propõe que a linguagem e a história estão entrelaçadas e devem ser entendidas como fatores a serem levados em consideração na Análise do Discurso. Bakhtin (*apud* Brandão, 1997, p. 9) afirma que “parte do princípio de que a língua é um fato social cuja existência funda-se nas necessidades da comunicação”, contudo, “afasta-se do mestre genebrino ao ver a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante, valorizado dessa forma a fala”.

Existe para além do enunciado um sentido que está oculto, não-verbal, mas que está presente no entendimento e na fala. Essa parte do discurso é composta por signos e símbolos (Bakhtin *apud* Brandão, 1997, p. 10-12).

Foucault (1996, p. 9) diz que “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Para Fiorin (1997, p. 18) o discurso “é um conjunto de regras que rege o encadeamento das formas de conteúdo na sucessão do discurso”, essa sucessão de falas e linguagens que são ditas e pronunciadas





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

em determinados momentos produzem um sentido a longo prazo e seus efeitos podem se manifestar também a curto prazo, sua variável é relativa ao local em que é falado assim como a cultura em que este discurso está inserido.

O discurso possui na sua formação uma base ideológica, como foi mencionado anteriormente, e está propensa a esta variável de acordo com estruturas sócio-político-culturais. Segundo Althusser (1983, p. 81), a ideologia trata-se de “um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” e percebemos isso principalmente em discursos que são lançados, os quais podem representar também os próprios meios de conduta de controle do Estado para e sobre a sociedade.

O que distingue os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) dos Aparelhos Repressivos do Estado é a seguinte diferença: enquanto o primeiro “funciona através da violência”, da opressão, o último “funciona através da ideologia” (ALTHUSSER, 1983, p. 69). Esses Aparelhos Repressivos, em exemplo, são as forças armadas, aquelas que são controladas pelo poder público para “controlar” o corpo social. Enquanto isto, os AIE se dá através de instituições que fazem esse controle por meio de diálogos, discursos, ou na emissão de informação na maior parte das vezes, em exemplo, em escolas, jornais, sindicatos, partidos e etc.

Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras (BRANDÃO, 1997).

De acordo com Brandão (1997), o conceito de Formação Discursiva é utilizado pela Análise do Discurso para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Uma Formação Discursiva é governada por uma Formação Ideológica e como uma Formação Discursiva é um dos componentes de uma Formação Ideológica específica, ela é um espaço de embates, de lutas ideológicas.

#### **Femicídio na Paraíba**





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A violência a partir do gênero é uma realidade pela qual até mesmo a norma culta padrão está se adequando ainda. Tanto é que, ao buscar pelo significado de feminicídio em dicionários antigos, esta tipificação é inexistente. Apenas é atribuído ao homem a possibilidade de ter sofrido alguma violência, quando é citado o termo homicídio. É o caso do tradicional Aurélio (2001), que desconhece a existência do feminicídio.

Segundo Cabañas e Rodríguez (*apud* GEBRIM; BORGES, 2014, p. 62), o objetivo de se utilizar o termo feminicídio é contribuir “para que se ressalte o caráter social e generalizado da violência baseada na iniquidade de gênero” e para que se afaste “enfoques individualizantes, naturalizados ou patologizados, que tendem a culpar as vítimas, a tratar o assunto como problemas passionais ou privados e a ocultar a sua verdadeira dimensão”.

Porém, a reflexão se dá na medida em que a aplicação do termo, o qual deveria carregar consigo o ideal de responsabilidade por seu uso e todo o seu contexto em diferenciação ao neutral homicídio, não contempla esta realidade em discursos como os que serão exemplificados neste estudo.

O cenário paraibano demonstra um alarmante aumento de 53% em casos de feminicídios entre 2017 e 2018 (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019), o que descreve a necessidade de se discutir seriamente a violência em caráter de gênero em nosso país. Cabe às instituições cumprirem seus papéis na sociedade ao valorizarem, sobretudo, a figura humana da mulher. Entretanto, observaremos que, enquanto Aparelho Ideológico do Estado, a mídia local corrobora sua atribuição com negligência.

#### **G1 Paraíba e os noticiários sobre violência contra a mulher**

Foucault (1979, p. 29) descreve que o problema da justiça popular não é a sua existência, mas as bases que constroem ideológicas que compõem esse julgamento, como os métodos e o lugar sócio-político-cultural.





De acordo com Simone de Beauvoir (1980, p. 26-31), a mulher é desde cedo exposta a hierarquia entre o sexo masculino e o feminino, sendo o primeiro sempre “dominante” ao segundo, a menina para se tornar à mulher que a sociedade lhe cobra é educada para a submissão e desde cedo lhe é tirado o lugar de fala. Segundo Beauvoir (1980, p. 30) a cultura e o corpo social exaltam a figura do homem, escondendo ou diminuindo a história da mulher ao decorrer do tempo e quando esses relatos são contados são por homens e na visão do sexo masculino.

Portanto, os julgamentos construídos pelo senso popular sobre a violência e até mesmo o cotidiano da mulher é composto por pensamentos machistas, podendo eles serem deferidos por homens ou pelo sexo masculino, já que a mulher se encontra em uma sociedade que a educa para ter concepção da superioridade do sexo oposto.

Veremos agora quatro matérias do portal de notícias G1 Paraíba sobre violência doméstica e feminicídio entre janeiro e outubro deste ano:

No primeiro caso, o G1 expressava o desabafo de um assassino antes de cometer um feminicídio. Foi uma matéria que completava o fato expresso dias anteriores sobre o caso, como forma de fazer contraponto ao papel assumido pelo homem ao cometer o ato<sup>282</sup>. Ao ler a matéria isoladamente, vê-se uma tentativa de colocar a mulher como consequência de um momento de descontrole dele. Em maior parte da narrativa, é levado em consideração o lado afetivo do criminoso que, por ter tirado a sua própria vida, o maior impulso foi o fim de seu relacionamento com a vítima. O que se desconsidera neste caso, entretanto, é a ênfase à especificidade da violência de gênero, que faz o homem considerar a mulher como uma propriedade, como foi a característica principal deste crime.

Todavia, a impressão de que a vida do homem tem um valor diferenciado ao se fazer ênfase ao seu lado afetivo momentos antes do feminicídio se repete neste segundo caso. O G1 se exime de dar juízo de valor ao fato, o qual trata-se de uma mulher que foi esfaqueada por 50 vezes após se comprovar que ela havia denunciado seu ex-

---

<sup>282</sup> Link da matéria: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/04/19/vai-acabar-nesta-quinta-diz-mensagem-publicada-por-homem-que-se-matou-apos-femicidio-na-pb.ghtml>





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

companheiro pela ameaça iminente<sup>283</sup>. O perfil feminino, neste caso, é marcado pela passividade por parte do veículo que se isenta de colocar a culpa no ex-companheiro mesmo com o delegado, segundo a matéria, afirmando inclusive as ferramentas utilizadas pelo homem ao cometer o feminicídio. Até este ponto, tudo estaria bem se não fosse o significado da colocação de “suspeita” ao homem, o qual causa a sensação de receio em julgá-lo e deixar isso nas mãos da justiça. O que não se considera, entretanto, é que mesmo se ele não fosse o autor das 50 facadas, ele continuaria sendo acusado, e não um suspeito, pois há denúncia sobre ele. Só que, na busca pelos cliques, o G1 isola o caso do assassinato e o coloca no escopo da proteção quando evita colocá-lo como acusado.

Na tentativa de demonstrar uma suposta isenção, o terceiro caso que narramos é sobre a notícia que o G1 dá quanto a agressão contra uma mulher em João Pessoa<sup>284</sup>. Ainda com uma denúncia feita por um estranho que passava na rua e a confirmação da delegada com direito a flagrante, não era suficiente para o portal de notícia colocar o companheiro da vítima como acusado. Porém, a isenção fica inconsistente quando a matéria considera o flagra da mulher ao pegar o agressor a traindo. Ora, não bastava a exposição da mulher à agressão? Ou talvez para que realmente o G1 comprovasse que ela estava abalada por ter sido agredida, tinha que repercutir ainda este fato? Ou será que a necessidade de colocar esta afirmação tinha como objetivo justificar o estresse do homem ao culminar uma agressão?

Como quarto e último caso, discorreremos sobre o episódio de um casal que foi encontrado morto<sup>285</sup>. O G1 demonstra incoerência ao evitar mais uma vez dar juízo de valor, contudo para o portal há uma suspeita de feminicídio seguido de suicídio. Ora, se

---

<sup>283</sup> Link da matéria: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/01/31/mulher-e-morta-com-mais-de-20-facadas-na-pb-e-ex-companheiro-e-principal-suspeito.ghtml>

<sup>284</sup> Link da matéria: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/10/21/homem-e-presosuspeito-de-agredir-companheira-na-frente-da-filha-de-5-anos-em-joao-pessoa.ghtml>

<sup>285</sup> Link da matéria: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/10/03/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-em-areia-pb-suspeita-e-de-femicidio-seguido-de-suicidio.ghtml>





a perícia comprovasse que não tinha sido o esposo que cometeu o assassinato, deixaria de ser feminicídio? Por quê então, segundo o G1, ainda há uma suspeita?

### **Considerações finais**

Devemos refletir como são reproduzidos discursos inferiorizando o papel feminino. As entrelinhas devem ser observadas pois, caso contrário, as ilustrações se tornariam incompletas. É o que o G1 sugere ao se falar sempre do feminicídio para expressar os riscos das agressões como se isto bastasse para demonstrar a inferioridade colocada no papel da mulher em relação ao homem. Separando o fatídico do contexto em que aquela história é narrada, haverá a repetitiva pontuação de que a mídia cumpre papel social eventualmente e serve apenas para narrar um fato sem compromisso direto em quebrar os paradigmas ou fazer com que isto mude.

Esta falácia é tomada como verdade absoluta para a população de modo que portais de notícias como o G1 se inserem num círculo vicioso ao se auto-afirmarem isentos, o que deixa a entender para a população que eles nada têm a ver com situações de agressão impostas à mulher. Porém, este estudo comprova algo contrário, visto que há discursos imbuídos de expressões pelas quais se compreende os seguintes pontos: 1) Não há neutralidade nas narrativas observadas, visto que elas demonstram um posicionamento claro à reprodução de uma cultura machista; 2) O papel social da mídia enquanto instrumento ideológico é um fato e isto se apresenta explicitamente ao se considerar que uma ideologia é um mundo de ideias soltas, colocadas para deturpar ou movimentar uma realidade de modo que esta esteja a favor de um escopo de ideias, e o ideal machista é exposto nas entrelinhas; 3) A repetição destes ocorridos em um período considerável de tempo, como foi o analisado, permite compreender as situações muito além de um equívoco, mas como uma demonstração de posicionamento por parte do veículo midiático.

Em vista disso, podemos refletir acerca das noções atuais de juízo de valor atribuídas às diferentes formas de se fazer notícia. Pois, caso existisse uma noção coerente, este juízo de valor seria dado tão somente ao final de um inquérito, o que não





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

foi o caso dos exemplos citados nesta análise. O que se observa é uma tentativa de construir uma realidade baseada no discurso de se ausentar das responsabilidades, porém, por detrás desta afirmativa há posicionamentos em que não consideram a mulher como voz ativa do contexto opressor com o qual ela tem de conviver diariamente em sociedade.

Comprova-se que o perfil da mulher é cunhado sob a consideração do homem como algo humano e que deve considerar o que ele sentia para contrapor e mostrar uma outra faceta da agressão, deixando de lado a principal faceta: a figura feminina ainda é considerada um objeto patriarcal e um reflexo fragilizado da figura masculina.

Portanto, devemos analisar muito além deste simulacro criado em torno de nós. Primeiramente, como forma de dividir assertivamente as responsabilidades sobre o porquê temos que conviver com o machismo, apesar da divulgação constante das mídias investindo em discutir o feminicídio para chamar atenção da sociedade sobre os casos. Será que a responsabilidade limita-se apenas em narrar? Será que os instrumentos da narrativa reforçam a existência do machismo? Ao refletirmos estas condições, haverá a capacidade de assimilar os âmbitos para, algum dia, evitar de responsabilizar apenas o estado como origem de todos os males, uma vez que ele tem seus símbolos e, em um deles, é dito que a intenção é isenta. E este símbolo se chama mídia.

#### **Referências**

- ALBUQUERQUE, J.A.G. 1983. **Althusser, a ideologia e as instituições**. In L. Althusser. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do discurso**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2a. ed. rev.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

